

O POETA DE PEDRA

PAULO E.F DE ALMEIDA



Tem dias que aquela angústia bate na porta e nos chama para relembrarmos quem já fomos. A saudade! Como é belo esse sentimento, palavra difícil de descrever, mas que traz mais alegrias que tristezas, pois é um tempo que não volta mais. Nós pensamos em nossas vidas do passado, nos momentos de amor em família, nas vivências da infância, nas descobertas da adolescência. Pena que a saudade dói. A dor da lembrança daquele tempo em que tudo era diferente, quando tudo era felicidade. As coisas pareciam ser bem mais fáceis, ainda tínhamos sonhos. Hoje, eles deveriam ter sido realizados, mas a vida nunca é como esperamos, às vezes erramos a curva, seguimos um caminho errado.

Sabemos que o dia de hoje nunca será como o de ontem. Querer o futuro igual ao passado é sentir a nostalgia do amanhã. Já o amanhã, esse chega rápido, então nos perguntamos, pra que ficar preso ao passado se ele nos machuca tanto? É melhor buscar um futuro diferente, novas oportunidades, novas convivências, pois nossos sonhos podem ser realizados na velocidade de um trem bala, e ainda assim sentiríamos a falta de alguma coisa. Talvez a falta do amor.

O tempo não é palpável, você não o enxerga, é invisível. Mas é presente, desde o nascimento até a morte. O tempo é tudo que está inserido dentro da vida, e nós estamos inseridos nela. Nós também somos o tempo.

Aliás, o ser humano é a máquina perfeita, o relógio perfeito. Nossa cara nos conta os anos, as experiências vividas, comemoradas ou choradas. O olhar nos trás o tempo. A ruga então é o passar dos anos que está impresso, e isso muitas vezes nos amedronta. Principalmente quando nos olhamos no espelho.

Aquele que não tem medo da velhice ou é ignorante, extremamente religioso ou um grande otimista. Mesmo assim, o otimismo também pode se acabar com o passar do tempo. A dúvida da vida e da morte é que nos mata. O que vem depois? Vem alguma coisa depois? Boa? Ruim? O paraíso existe? Merecemos fazer parte dele? E o inferno? É aqui? Existe? Seria tudo um ciclo e voltaríamos a viver nossa vida exatamente igual, talvez daqui a alguns bilhões de anos? Ou viveremos várias vidas, várias mortes, em outros lugares, outros corpos? Mas dessa forma, existiria realmente o tempo? Ou estamos apenas plainando no vazio? No infinito de nossos pensamentos?

O certo é que nada sabemos, existem milhares de correntes e religiões que tentam nos mostrar o caminho da verdade, mas o que temos certeza é que estamos presos no mundo material, no mundo carnal, por assim dizer, e a única certeza que temos é a de que a vida, por enquanto, é uma só. Na busca de encontrar respostas para nossos questionamentos nós criamos a ciência para tentar explicar o inexplicável e não conseguimos. Mas essa história a seguir nos mostra outras possibilidades...

O início

José Antônio dos Santos era um homem simples, honesto e de muito bom caráter. Mas era tido por muitos como uma pessoa ingênua, sem maldade. Talvez por que fosse um pouco tímido, e humilde, com uma educação peculiar. Ele era um homem alto, com quase dois metros de altura, magro, e embora estivesse com quarenta anos, aparentava ser mais velho. Seus olhos eram fundos e negros, seus cabelos lisos escorriam pela face e, apesar de possuir alguns fios brancos, os outros eram tão negros quanto os seus olhos. Sua feição era branca e pálida, com um rosto meio ovalado e triste, lembrando às vezes a fisionomia de um defunto.

José Antônio nascera em Teixeira, uma pequena cidade a alguns quilômetros de Viçosa, na região da Zona da Mata, no estado de Minas Gerais. Filho único, ele foi para Belo Horizonte aos 20 anos com sua mãe, Dona Neide dos Santos. Seu pai, o senhor Marco Antônio dos Santos, um dos grandes comerciantes da cidade, falecera cinco anos antes de tuberculose

Quando ainda era jovem, José Antônio fizera muito sucesso com as mulheres. Mesmo tímido, ele as conquistava com seu charme peculiar e seus modos. Ele atraía a atenção dos olhares tanto das moças mais recatadas quanto das mulheres mais extrovertidas, mais modernas e independentes. Ele poderia passar sua juventude se

esbaldando em festas da cidade, mas ele era quieto, e apesar de gostar de reuniões e encontros com seus amigos e colegas, José se continha, sua mãe o regulava, pois ela achava que a cidade onde moravam era muito conservadora, onde a fofoca imperava, e todos sabiam da vida de todos. Dona Neide não queria seu filho na boca do povo. José Antônio para escapar dos olhares de sua mãe e do pessoal de sua cidade, muitas vezes ele conquistava suas namoradas às escondidas, longe dos olhos de invejosos e fofoqueiros. Dona Neide, por sua vez, dizia para o garoto José se comportar, que um dia conheceria uma mulher honesta e companheira. Ela queria transformar seu filho em um homem elegante e educado, mas apesar de sua aparente timidez, quando estava acompanhado, era um fogo só.

A família dos Santos era uma família abastada, mas quando o senhor Marco morreu, eles entraram em uma onda de azar e perderam grande parte da fortuna, por isso decidiram ir à capital tentar uma vida nova. Dona Neide, mesmo passando por dificuldades, se esforçou para dar uma boa via ao filho, o matriculando em uma das melhores escolas da capital mineira.

Amor e tragédia

Com o auxílio de uma boa escola e de aulas particulares, José conseguiu passar no vestibular, e foi com grande alegria que, no curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, conheceu Laura de Freitas. Apaixonou-se por ela no momento em que a viu, talvez pelo seu sorriso, mas o certo é que ao ver aquela mulher entrar na sua sala, seus olhos brilharam. José Antônio fez de tudo para conquistá-la, sabia que ela se interessava por teatro, ela era atriz na companhia de teatro da Universidade, então ia às peças em que ela atuava, levando flores, Caixas De bombons e a elogiando sempre que podia.

Apresentou-se à família de Laura, como um amigo e admirador de sua atuação durante um espetáculo em que sua adorada era a atriz principal. A família Freitas ficou impressionada e encantada com tamanha educação e dedicação que ele tinha à pretendida. Porém, no começo, Laura não gostava de José, mas ele foi tão atencioso que o amor dos dois foi brotando como uma flor, delicado, mas cada dia mais forte.

Depois de alguns meses de insistência com José mandando flores, escrevendo bilhetes, enfim, cortejando-a, os dois começaram a namorar. José Antônio e Laura participavam juntos da efervescência cultural da cidade, iam às festas, ao cinema, ao teatro e à saraus de poesia, onde José aproveitava para mostrar alguns de seus poemas, quase todos dedicados à sua amada.

O casal gostava muito de ir ao parque municipal da cidade, onde ficavam horas deitados juntos na grama, fazendo piqueniques, e observando as pessoas passarem pelo local. José Antônio tentava ser romântico, às vezes levava sua jovem namorada à Praça do Papa no fim da tarde para assistir ao pôr do sol.

Os dois se casaram após dois anos de namoro, na Igreja de Santa Inês. Na cerimônia, prometeram se amar para sempre e dedicar as suas vidas um ao outro. Os amigos e familiares ficavam impressionados, tamanho era o amor e dedicação um para o outro, às vezes achavam até que os dois exageravam, pois a relação dos dois parecia amor de livros e romances como o de Romeu e Julieta.

O amor de José Antônio era tão grande que depois de um tempo juntos, ele só escrevia sobre e para sua amada. José deixara de ler seus poemas em saraus literários, guardava-os para Laura, deixando um poema às vezes em baixo do travesseiro, na cama, antes de sair para ir trabalhar na assessoria de comunicação de uma empresa de advocacia que pertencia a um amigo de seu pai.

O casal partilhava dos mesmos interesses e ideais, planejavam ter vários filhos e viver no meio das montanhas, na região de Nova Lima, onde José poderia escrever seu livro de poemas e de contos sossegado. Enquanto não tinham dinheiro, moravam nos fundos da casa de sua sogra. José tinha uma boa relação com Dona Conceição, mãe de Laura e com seu sogro, o senhor Alberto. Ele participava de todas as festas e reuniões da família. As tias de sua esposa consideravam Laura uma mulher de sorte, por ter um marido tão dedicado e amoroso que estava sempre presente e a paparicava de todas as formas.

Laura era uma ávida crítica e leitora voraz de contos, romances e poesias. Gostava muito de Murilo Rubião, João Guimarães Rosa, Fernando Sabino, Adélia Prado e de Carlos Drummond de Andrade, ela chegava a escrever alguma coisa, alguns contos e crônicas, mas não gostava do que escrevia. Laura se apaixonou pelos poemas de José Antônio, adorava tudo que o marido fazia, mas isso não a impedia de o criticar e dar sugestões sobre alguns aspectos de seus poemas. Mas o que ela gostaria mesmo era de ver seu marido escrevendo algumas peças de teatro e um romance. Os dois conversavam a respeito, mas José sempre deixava para depois.

Embora quisesse escrever e sonhava ser um escritor famoso, José não conseguia fazer nada a não ser os poemas dedicados a sua amada. Aquilo era até uma obsessão, pois passava o dia inteiro pensando em Laura, mas sabia que um dia deveria parar com tudo e tirar um tempo para escrever um romance, talvez uma história de amor.

Como nem tudo era perfeito, Laura tinha uma saúde frágil, ela era diabética e ainda por cima tinha o coração fraco. Seu marido cuidava dela sempre que podia, e estava presente nos momentos em que sua esposa mais precisava, mas um dia, ao descer a escada da casa de sua mãe, Laura tropeçou e caiu no chão, sofrendo um ataque cardíaco fulminante, culminando em sua morte prematura. José não pôde ajudar, estava em uma entrevista de emprego, buscando uma vaga de editor de um jornal e nesse dia não pôde socorrer Laura.

No enterro de sua amada, no cemitério da Paz, José chorava sem parar, ele não conseguia acreditar no que tinha acontecido, sua mãe tentava acalmá-lo, mas ele nervoso tirava a mão dela de seu ombro. Ao receber os pêsames dos amigos e familiares de Laura, José gritou com eles e os culpou da morte de sua esposa por não darem a assistência devida quando ela sofreu o ataque cardíaco. A partir daí, se isolou de todos.

Angústia

A perda de sua esposa mudou sua vida, ele se transformou em uma pessoa triste, depressiva e reclusa, passando a se distanciar cada vez mais das pessoas. Após a morte de Laura, José passou a chegar atrasado no trabalho que arrumara com a ajuda de sua mãe. Mas ele mal saía de casa. Quando ia ao escritório, enrolava, pensando em Laura e na falta que ela fazia. Não falava mais com ninguém, vivia de cara fechada e com pouca paciência.

Quando escrevia em casa, suas histórias e poemas passaram a falar de morte, retratava seus sentimentos e tristezas. José passava as noites em claro escrevendo. Estava ficando cada vez melhor, não se limitava mais à escrever poemas, estava contando histórias, trágicas é claro, mas boas histórias. Ele não publicava nada do que escrevia, achava que aquilo era só para ele, guardava-as para si. Ele não aceitava seu destino, como podia ficar sem sua esposa? Ela era sua vida, sua mulher, sua companheira. A falta de Laura o fazia sofrer, sonhava acordado lembrando de seu passado com ela, e às vezes, quando conseguia dormir, acordava no meio da noite suando frio, com palpitações e falta de ar. Entre lágrimas, ele escrevia textos que ninguém nunca leria.

Aos sábados, José Antônio ia no cemitério onde Laura estava enterrada. Lia seus poemas e contos para ela e deixava flores em seu túmulo. Após terminar de ler para sua falecida esposa ele se ajoelhava e pedia a Deus para que a trouxesse de volta. Mas como isso era impossível, José logo se viu brigando com Deus e renegando-o, chegando ao ponto de cuspir no chão toda vez que passava pela capela principal do cemitério.

José estava sozinho, sua mãe fôra morar em Teixeiras, pois não aguentava mais ver seu filho nessa situação e foi morar junto com uma tia de José. De vez em quando ligava para ele e prometia ir visitá-lo, mas a verdade é que José Antônio não fazia questão de nenhuma companhia e tratava mal sua mãe. Ele estava tão amargo que sua relação com seus antigos amigos e familiares se deteriorara. Um dia Dona Neide o convidou para retornar à Teixeiras e ir morar com ela, mas tudo que ela ouviu foi um seco “não”.

José Antônio continuou trabalhando como podia na empresa que sua mãe indicara, que na realidade era de um amigo de seu pai. Ele era o assessor de imprensa e embora fosse essencial o contato com os colegas e o público, ele continuava a não falar com ninguém. Seu chefe, Aníbal, só o deixava trabalhar lá porque não era um cargo muito importante para a empresa, e porque fôra amigo de seu pai. Mesmo com cara fechada, José fugia de qualquer atrito com as pessoas, o que muitas vezes motivava o abuso de alguns colegas que o tratavam como um peso morto.

Ele quase nunca sorria, possuía um ar melancólico, triste e entediado. Quando ia trabalhar, usava sempre um terno azul escuro, com uma gravata também azul. Na verdade ele possuía três ternos iguais que usava durante a semana combinando com três pares de sapato também iguais. José buscava uma vida sem brilho, sem emoções e alegrias. Ele estava cada vez mais sozinho. Até que seu chefe Aníbal o pediu para entrevistar um sujeito do almoxarifado chamado Jorge Luiz Andrade. Após a entrevista, sobre os cuidados e as economias necessárias para o escritório, os dois começaram a se encontrar mais e a falar um pouco de suas histórias. Depois de um tempo, José passou a considerar Jorge o seu único amigo.